

**FOFOCA? CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS SOBRE
MEMÓRIA, FICÇÃO E HISTÓRIA EM PSICANÁLISE¹**

**Gossip? Introductory considerations on memory, fiction and
history in psychoanalysis**

**¿Chisme? Consideraciones introductorias sobre la memoria, la
ficción y la historia en el psicoanálisis**

Fuad Kyrillos Neto²

Rodolfo Rodrigues Machado³

Thales Fonseca⁴

Resumo:

No artigo partimos da hipótese de que por meio do difuso e complexo fenômeno que historicamente se conformou sob o epíteto de “fofoca” é possível abordar o entrecruzamento entre diferentes modos de se narrar acontecimentos passados, desde a memória até a história, tal como atravessadas por artifícios de ficcionalização. Propomos que a psicanálise se constitui como um dispositivo capaz de dar dignidade à fofoca, conferindo-lhe valor epistêmico. Propomos, então, um brevíssimo sobrevoo pela história de articulação entre os campos da psicanálise, da historiografia e do estruturalismo. O objetivo foi demonstrar a importância de se levar em conta a subjetividade na apreensão e descrição narrativa dos fatos históricos. Concluímos que a fofoca pode ser compreendida como um arquivo da cultura, uma prática de transmissão e produção de sentido que segue norteadores não usuais.

Palavras-chave: Fofoca. Historiografia. Psicanálise.

Abstract:

In this article, we start from the hypothesis that through the diffuse and complex phenomenon that has historically been shaped by the epithet “gossip” it is possible to address the intersection between different ways of narrating past events, from memory to history, as traversed by fictionalization devices. We propose that psychoanalysis has constituted itself as a device capable of giving dignity to gossip, granting it epistemic value. We therefore propose a very brief overview of the history of articulation between the fields of psychoanalysis, historiography and structuralism. The objective was to demonstrate the importance of taking subjectivity into account in the apprehension and narrative description of historical facts. We conclude that gossip can be understood as an archive of culture, a practice of transmission and production of meaning that follows unusual guidelines.

Keywords: Gossip. Historiography. Psychoanalysis.

Resumen:

En este artículo partimos de la hipótesis de que a través del difuso y complejo fenómeno que históricamente se ha configurado bajo el epíteto de “chisme”, es posible aproximarnos a la intersección entre distintas formas de narrar acontecimientos pasados, desde la memoria hasta la historia, atravesadas por dispositivos de ficcionalización. Proponemos que el psicoanálisis se ha constituido como un dispositivo capaz de dar dignidad al chisme, otorgándole valor epistémico. Entonces, proponemos un breve resumen de la historia de la articulación entre los campos del psicoanálisis, la historiografía y el estructuralismo. El objetivo fue demostrar la importancia de tomar en cuenta la subjetividad en la aprehensión y descripción narrativa de los hechos históricos. Concluimos que el chisme puede entenderse como un archivo de cultura, una práctica de transmisión y producción de significado que sigue pautas inusuales.

Palabras clave: Chisme. Historiografía. Psicoanálisis.

Introdução

Em um provocante ensaio sobre a história da opressão feminina, Silvia Federici (2019, p. 12) mostra, com farto embasamento documental e astúcia analítica, a gênese da significação do termo “fofoca” que, a partir da deterioração da posição social da mulher datada do século XVI, combinada ao fortalecimento da autoridade patriarcal na família, se tornará um termo difamatório, tal como hoje é geralmente entendido, como conversa fútil e maledicente, isto é:

conversa informal, geralmente danosa às pessoas que servem de assunto [...] na maioria das vezes, uma conversa que extrai sua satisfação da depreciação de outros [...] disseminação de informações não destinadas à audição pública, mas capazes de arruinar reputações.

Contudo, como demonstra a filósofa, nem sempre foi assim. Com um sentido radicalmente distinto, a expressão inglesa *gossip* (hoje traduzida por “fofoca”) deriva dos termos ingleses arcaicos *God* (“Deus”) e *sibb* (aparentado), significando originalmente *god parent* (“madrinha”, “padrinho”). Na Inglaterra do início da era moderna, o termo era usado para se referir às companhias no parto e, de modo mais amplo, amigas mulheres em um sentido não depreciativo, como “conhecida próxima”, “amiga”, “camarada”. Remetia, portanto, à solidariedade derivada da amizade entre mulheres, ao laço que as unia, figurando em uma série de obras datadas da sociedade inglesa pré-moderna e expressando a sociabilidade feminina que prevalecia na Idade Média, “[...] quando a maioria das atividades executadas pelas mulheres era de natureza coletiva e, ao menos nas classes baixas, as mulheres formavam uma comunidade coesa que era causa de uma força sem-par na era moderna” (FEDERICI, 2019, p. 3).

A história de transmutação semântica do termo se confunde, pois, em muitos aspectos, com a história do silenciamento feminino, que contou com um leque abrangente de dispositivos: jurídicos, de regulamentação dos costumes, de tortura. Dentre tais dispositivos, a autora destaca, por exemplo, um decreto expedido na Inglaterra, em 1547, que proibia as mulheres “de se encontrarem para tagarelar e conversar” e ordenava aos maridos a manter “as esposas dentro de casa”; e o *scold's bridle* (rédea ou freio das rabugentas), posteriormente conhecido como *gossip bridle*:

Engenhoca sádica de metal e couro que rasgaria a língua da mulher se ela tentasse falar. Tratava-se de uma estrutura de ferro que circundava a cabeça, um bridão de cerca de cinco centímetros de comprimento e dois centímetros e meio de largura projetado para dentro da boca e voltado para baixo sobre a língua; muitas vezes, era salpicado de pontas afiadas, de modo que, se a infratora mexesse a língua, aquilo causaria dor e faria com que fosse impossível falar. Registrado pela primeira vez na Escócia em 1567, esse instrumento de tortura foi criado como castigo para as mulheres de classes baixas consideradas ‘importunas’ ou ‘rabugentas’ ou ‘subversivas’, sempre suspeitas de bruxaria. Esposas que fossem vistas como bruxas, malvadas e rabugentas também era forçadas a usá-lo (FEDERICI, 2019, p. 8-9).

Tal mudança no sentido da fofoca, cuja gênese se mostra ligado a processo histórico de silenciamento feminino, irá, contudo, se generalizar. É o que demonstra Oliveira, ao enxergar no fenômeno correlato da detração um traço fundamental da vida cotidiana das sociedades, servindo como veículo moralizador. Assim, ele define a fofoca como uma narrativa na qual se informa ao interlocutor sobre o comportamento visto como “desviante” de outro agente. As narrativas que compõe a intriga seriam, pois, basilares para impulsionarem “[...] o poder de modelação da imagem e identidade sociais dos agentes a partir da opinião coletiva” (OLIVEIRA, 2010, p. 16). Desse modo, se por um lado os rumores e fofocas repetem princípios hegemônicos, por outro,

“[...] também servem para reavaliar o status de agentes [...] e dessa forma funcionam como elemento de desestabilização dos circuitos de poderes estabelecidos no contexto específico da sociabilidade” (OLIVEIRA, 2010, p. 24). Nesse sentido, não se pode ignorar que, tal como as narrativas tradicionais, explicitadas em contos, novelas, romances, mitos etc., as fofocas também se constituem, para usar uma expressão de Roudinesco, como “uma forma singular de relato histórico” (ROUDINESCO, 2008, p. 357) e, portanto, podem atuar como mecanismo de controle social ao reiterar os valores sociais prescritos.

Ora, é difícil deixar de constatar que essa rápida e esquemática introdução ao processo de estigmatização da fofoca, por coincidir com o período de gestação da modernidade, é também contemporâneo da formação da família nuclear burguesa, bem como do surgimento da experiência de uma individualidade interiorizada e reflexiva (FERREIRA, 2006) que forneceu o substrato cultural à dita invenção do psicológico (FIGUEIREDO, 2007). Logo, não é sem motivos que um dos sinais mais característicos da *crise* desta cultura – ou, pelo menos, da crise de um de seus elementos mais fundamentais: a família patriarcal, com a repressão feminina que ela engendra e o psiquismo que ela molda – apareça de modo tão dramático na produção sintomática das históricas do século XIX, que deram origem à psicanálise.

Silvia Federici (2019) nos lembra, ao final de seu ensaio, que em outras experiências culturais, “em muitas partes do mundo”, as mulheres com a sua “fofoca” vêm sendo historicamente vistas como tecelãs da memória, responsáveis por manter viva as vozes do passado e a história da comunidade, bem como por transmiti-las às futuras gerações. Digamos que o nosso artigo parte da premissa de que a psicanálise, apesar de ter inegavelmente dado a sua contribuição à estigmatização do feminino (KEHL, 2016), tenha quicá se constituído como dispositivo que, por uma via repleta de paradoxos, mas apostando na palavra livre contra o silenciamento, ajudou a dar dignidade à fofoca (não apenas feminina, como humana) enquanto tecido da memória, portadora de uma verdade. Premissa enunciada, pela primeira vez, por ninguém menos que Anna O., quando nomeou nossa práxis de *talking cure*.

Sobre isso, vale nos remeter a J. A. Gaiarsa (2015, p. 20): “O material sobre o qual se baseia toda a doutrina psicanalítica é a fala das pessoas sobre a família, as coisas proibidas, secretas e feias que cada um fez, desejou fazer ou em que pensou. Sobretudo, sexo. Isso como se percebe é a própria fofoca e nada mais”. Este autor ainda adverte que os analistas não devem ignorar a distinção entre reprodução alterada e interpretação tendenciosa, sob pena de não conseguirem escutar a intriga ou detração considerando o desejo inconsciente. O próprio Freud já havia reconhecido tal vizinhança entre a fofoca e a fala em análise, ao comentar: “Sei que há – ao menos nesta cidade – muitos médicos que (coisa bastante repugnante) vão querer ler um caso

clínico desta índole como uma novela⁵ destinada à sua diversão e não como uma contribuição a psicopatologia das neuroses” (FREUD, 1905/1996a, p. 8).

Lembremos que entre outubro de 1885 e fevereiro de 1886, Freud vive um momento decisivo em sua orientação teórica ao visitar Salpêtrière para encontrar Charcot. Dois meses depois, Freud abre seu consultório particular (TRILLAT, 1991) e, em contato com suas analisandas, que lhe narraram suas “novelas”, ele percebe que a histérica quer falar. O que fazer com esta fala? Como resposta, ele parte do princípio de que o sintoma histérico exige uma decodificação. Trata-se de uma mensagem cifrada, pois a histérica não conhece a significação que o sintoma pode produzir. É neste momento que, segundo Trillat (1991, p. 249), “[...] a doença se dissolve na teoria e no procedimento analítico”. Disto decorre um recurso muito utilizado na clínica psicanalítica, de se basear na apresentação de casos que funcionam como modelos ou paradigmas das relações dos sujeitos, calcadas em suas representações acerca de um passado narrado como um romance-chave (DUNKER; KYRILLOS NETO, 2011).

Gostaríamos de propor que a psicanálise inventou um dispositivo capaz de reconhecer a função da fofoca, do rumor e do mexerico enquanto via fundamental de expressão subjetiva. Não importa se as palavras vêm maquiadas de falseamentos, subterfúgios ou silêncios, elas invariavelmente dizem do sujeito: “Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente. A evidência desse fato não justifica que se o negligencie” (LACAN, 1956/1998, p. 248). Ou, como Lacan dirá em outra ocasião: “[...] a confiança privilegiada na fala, que está implícita na manutenção da escolha de seus meios formais, é o princípio de verdade pela qual a psicanálise subsiste, a despeito da imbecilidade dos ideais com que ela o tempera” (LACAN, 1958/2003, p. 181).

E o que o paciente relata sobre a sua própria história, isto é, a forma como ele a simboliza em uma narrativa inevitavelmente autoficcional, portanto mais ou menos descolada dos fatos, tem efeitos reais em sua vida.

A psicanálise e a escuta das h(es)tórias: delimitações teórico-metodológicas

Pouco é dito sobre o fato de o projeto lacaniano de “retorno a Freud” ter, como um de seus pressupostos, a narrativa ficcionalizada de um fato histórico. O contexto objetivo é conhecido: a proposição de um projeto contra-hegemônico no interior do freudismo francês, cuja implantação tardia, devido à forte influência de Pierre Janet, havia sido encabeçada por Rudolph Lowenstein – ex-analista de Lacan e figura central da escola nova-ortuiana de psicanálise conhecida como *ego psychology*⁶. Mas a historicização de tal contexto tornar-se-ia tão

mais atraente quanto célebre devido a um acréscimo feito por Lacan na forma de uma “fofoca” supostamente recebida de C. G. Jung:

É assim que o dito de Freud a Jung, *de cuja boca ouvi*, quando, ambos convidados da Universidade Clark, avistaram o porto de Nova York e a célebre estátua que ilumina o universo – ‘Eles não sabem que lhes estamos trazendo a peste’ –, é-lhe devolvido como sanção por uma arrogância cuja antífrase e perfídia não extinguem seu brilho perturbador (LACAN, 1956/1998, p. 404, grifo nosso).

Na retórica e estilo retorcidos que lhe caracterizavam, Lacan comentava a ironia de ter acontecido justamente o contrário: não só a “peste” fora neutralizada em solo estadunidense, como anos depois seria exportada para França em uma versão devidamente asséptica. Mas o ponto que nos interessa é indicado por Roudinesco (2008) que, ao tentar rastrear o lastro histórico da anedota lacaniana, se depara justamente com a quase ausência de lastro: seja nos textos, correspondências, memórias registradas e arquivos junguianos, seja nos escritos de Freud, ou nos de Ferenczi (que também estava presente na famosa viagem), seja na vasta historiografia do freudismo, o máximo que se encontra é uma versão bem menos eloquente da sentença, subtraída da célebre metáfora. De onde arremata a historiadora da psicanálise:

Imbuído dessa confiança de que era o único depositário, *Lacan inventou portanto uma ficção mais verdadeira que o real*, destinada a impor, contra a psicanálise dita americana, sua própria retomada da doutrina vienense, doravante marcada pelo selo da subversão. E se essa visão de uma ‘peste freudiana’ chegou a se estabelecer tão bem na França, a ponto de os próprios não lacanianos acreditarem hoje que ela pertence a Freud, é que se inscrevia na continuação direta dessa exceção francesa da qual Lacan, após ter sido o difamador, era ao mesmo tempo o herdeiro e o renovador. (ROUDINESCO, 2008, p. 362, grifo nosso).

Sobre este aspecto, Dominick LaCapra (2001/2005) – historiador cuja obra, não por coincidência, não é livre da influência psicanalítica – apresenta um discernimento importante para nossas considerações entre a contextualização e uma abordagem historiográfica. Existem elementos em seu paradigma de investigação, indispensáveis para uma pesquisa pautada pela historiografia, que ultrapassam a clareza e a objetividade de um quadro autônomo atinente à contextualização. Concernente a compreensão histórica, ela exige em seu trabalho “[...] níveis mais estruturais e mais integrais, como narração, interpretação e análise” (LACAPRA, 2001/2005, p. 31). Ou seja, “[...] em relação à compreensão histórica, a experiência não deve ser contemplada de uma forma estritamente cognitiva que envolve apenas o processamento de informação” (LACAPRA, 2001/2005, p. 63).

Concernente a temporalidade, ele nos convida a considerá-la como uma característica estrutural da historiografia. A repetição não é apenas aquilo que possibilita a história, mas também aquilo que possibilita sua crítica, o questionamento de seus processos e caminhos, a possibilidade de filiação dentro dela e de transformação de seus elementos quando da migração temporal ou geográfica (LACAPRA, 2006).

Em um trabalho mais recente (LACAPRA, 2023), ele utiliza o termo trans-histórico para se referir ao que recorre ou se repete com variações ao longo do tempo, incluindo a transmissão transgeracional do trauma e da vitimização. O autor procura abordar trauma, história, memória e identidade formalizando uma agenda de pesquisa multifacetada na qual, esses conceitos são inter-relacionados ao longo da pesquisa. Nesta perspectiva, seria equivocado ver a memória como o *locus* de uma tentativa de absorver a história ou como uma procura enganosa de um patrimônio, um passado mais fiel.

Estas distinções nos permitem asseverar que historicizar, diferentemente de contextualizar, seria discernir na densidade histórica as condições de formulação desta história, ou seja, o isolamento e a extração das alianças na manutenção das diversas formas de poder estabelecidas. Em outras palavras, a história estaria relacionada às estruturas que delimitam, no tempo, espaços de percepção que determinam processos de pensamento e combinações explícitas do dizer, do ver, da linguagem e da realidade (CERTEAU, 2023).

Nos meandros do debate sobre a cientificidade do método historiográfico, o linguista Greimas (1966/1988) propõe que a mesma segurança epistemológica alcançada por sua área de estudos poderia ser estendida para o campo da pesquisa histórica. O preço a ser pago, contudo, por tal estabilidade – para que, em suas palavras, “a história deixe de ser filosofia e se transforme em uma ciência” – seria a incorporação dos princípios e das descobertas do estruturalismo, sobretudo da antropologia de Lévi Strauss. Isso porque as chamadas estruturas elementares do parentesco (STRAUSS, 1982) forneceria uma espécie de base sincrônica universal do social, ditando os limites a partir dos quais as diferenças diacrônicas ao longo da história poderiam ser pensadas com um referente material. Em outras palavras, para que a história consiga elaborar cientificamente a diferença, as mudanças de configuração social, a contingência ao longo do tempo, seria necessário não uma reflexão rigorosa sobre a abertura na forma social, sobre a possibilidade de transformação, mas sim uma elaboração sólida sobre as estruturas que limitam e condicionam as possibilidades de mudança e transformação. Tarefa levada às últimas consequências pela antropologia estrutural francesa.

Que tal formalização sinaliza um alerta de metafísica antropológica não passou despercebido nem para os estruturalistas, mesmo durante os seus primórdios (STRAUSS, 2003).

A continuidade da tradição de pensamento que leva ao estruturalismo – sobretudo Comte e Mauss – tem como um dos norteadores centrais a cautela com o perigo da sobreposição da materialidade por um plano explicativo transcendental. A radicalidade dos rumos dados por Lévi-Strauss, contudo, de dar dignidade material à realidade simbólica no estudo da antropologia, consegue ser atrativa e sólida na medida em que ousa se situar no limite daquilo que busca evitar. As consequências para a historiografia de tal perigo em seu campo de trabalho são bastante conhecidas: a indevida e ocidentalista universalização de elementos particulares de uma configuração histórica para a totalidade das formas sociais. Se o preço a pagar inclui esse risco, talvez seja o caso de buscar algum tipo de crediário que garanta minimamente a segurança do negócio. É aqui que um outro campo – que também decidiu pagar o preço – pode servir de laboratório para reflexão.

Não é de se espantar o fato do trabalho de Lévi Strauss ser sugerido como base para um pensamento que busca um referente material para a compreensão dos fenômenos sociais no contexto da intelectualidade francesa. O alcance do estruturalismo em determinado período do século XX na França é quase tão abrangente quanto o alcance das estruturas em si. É, inclusive, com um horizonte de problemas bastante semelhante ao localizado por Greimas que o então psiquiatra francês Jacques Lacan irá procurar servir-se da estrutura e seus efeitos como munição para enfrentar as dificuldades epistemológicas no campo “psi” (psicologia, psiquiatria e psicanálise). O principal obstáculo não deixa de ser o mesmo: encontrar um referente material universal da determinação dos indivíduos que possibilite pensar rigorosamente, a partir daí, sua particularidade subjetiva. Sincronia universal e diacronia particular. O que nos parece distinguir os dois casos, é que Lacan parece dotar esses dois polos de tensão de uma autonomia inegociável. Paradoxalmente, ao mesmo tempo, essas instâncias são constituídas uma em relação à outra. Tensão entre determinação e autonomia do sujeito que torna muitas das elaborações da psicanálise lacaniana semelhantes a um embaraçado novelo de lã – ou, como o próprio Lacan sugeria, uma abstrusa forma topológica não orientável na qual a relação entre uma coisa e outra parece quase indistinguível. Se há possibilidade de que daí saia não somente um ferramental técnico importante para o horizonte da prática clínica, mas também uma produção epistemológica que lide com problemas compartilhados por diversos campos, é algo que pretendemos aventar aqui. Mais especificamente na mencionada interface entre psicanálise e história.

Podemos aqui recorrer às ideias de Michel de Certeau (1995, 2011) para estabelecer um paralelo historiográfico entre esse conjunto estrutural e o efeito de distorção causado pelo fator sujeito. Nesses termos, é imprescindível considerarmos sua crítica a uma historiografia

“desencarnada” do discurso, que não coloca em questão suas condições de produção. Para ele, o outro passado e o outro presente são condições de possibilidade do discurso historiográfico. O outro passado como objeto tomado pelo historiador; o outro presente como o lugar social no qual o historiador articula seu discurso.

Destarte, o discurso historiográfico pode ser considerado como uma mistura entre ciência e ficção, um entremeio que promove “um retorno do passado no discurso do presente” (2023, p.62). Para ele o fazer historiográfico é a encenação plausível de uma efetividade. Nessa encenação, a realidade representada eclipsa, por detrás da representação de passado, a organização social e técnica que a produz. A conexão criada pelos procedimentos de análise do historiador gera uma tradição, algo que passou e, ao mesmo tempo, permanecerá. A historiografia tem usualmente como função, ser uma decisão que confere voz a uma grupalidade, ao ligar a cultura de um tempo àquilo

que não é corrigível ou suscetível de intervenção pela tecnicidade. A fundação e circunscrição do passado é um corte pelo qual um poder (político, social, científico) pode entender sua exterioridade. A efetividade do passado é fornecida por intermédio da linguagem.

De acordo com o pensador francês, os arranjos promovidos e os critérios de recorte e montagem na construção da narrativa histórica possuem ressonâncias implícitas de funções sociais atuantes no processo de seleção. Nesse sentido, quando consideramos uma suposta história oficial de determinado grupo ou período, é necessário levar em conta um fator político nas operações realizadas para que se produzam as categorias narrativas. Em outras palavras, o trabalho do historiador estaria sujeito às condições de possibilidade no arranjo político de um certo contexto para que a história garanta sua coerência e inteligibilidade de uma forma ou de outra.

Desse modo, é possível pensarmos que há certos limites ditados pelo campo de inteligibilidade em um determinado período, que o sujeito que faz história involuntariamente precisa acertar suas contas para que sua construção adquira valor e coerência narrativa. Por outro lado, quando tentamos dar dignidade teórica à fofoca, vemos que ela ocupa um espaço distinto daquele da história oficial. Isso seja enquanto mecanismos de controle social para além daqueles oficialmente institucionalizados (OLIVEIRA, 2010), ou como possibilidade de consolidação da memória para além dos parâmetros socialmente legitimados (FEDERICI, 2019). Em todo caso, o que poderíamos afirmar é que ela não se limita aos mesmos critérios de arranjo e circulação que as “narrativas oficiais”.

Ambas, de fato, estariam mediadas por condições de possibilidade específica. Porém, talvez seja possível inferir que a crise da cultura relacionada à separação do público com o

privado tem um de seus reflexos nessa espécie de circulação subterrânea da história, chamada fofoca. E longe de afirmar se tratar de uma modalidade munida de mais veracidade, ou de ingenuamente presumir que a fofoca carregaria as verdades ao avesso da narrativa oficial, podemos hipotetizar que ela se constitui como um retrato do relacionamento dos sujeitos e suas fantasias com as narrativas oficiais. Ou seja, um espaço nos quais os arranjos possíveis possuem maior porosidade ao sujeito.

Parece, inclusive, que um caminho de pensamento muito semelhante foi esboçado por Freud (1939/1996). Nessa obra, dita antropológica, o psicanalista estabelece uma distinção conceitual (e suprimida em algumas traduções) entre três diferentes concepções de história. Como apontam Pedro Ambra e Clarice Paulon (2018, p. 412):

Freud [...] nos apresenta não uma, mas três noções de história distintas entre si: *Geschichte*, *Historie* e *Historisch*. *Geschichte* remete ao acontecer histórico, à história real e objetiva; *Historie*, à história conjectural ou à história reconstruída a partir da experiência; e *Historisch* seria o histórico vivencial, ou seja, a forma como a história aconteceu para cada homem que a vivenciou.

Essa distinção busca ressaltar que entre os agentes envolvidos nos processos históricos estão não somente a materialidade dos acontecimentos, mas também a interação dos indivíduos com estes e as operações realizadas para que sejam organizados e transmitidos. Articulando com Certeau (1995, 2011), é possível presumirmos que as condições de produção das narrativas envolveriam em diferentes níveis os três tipos distintos de história. E que, se ao historiador recairiam com maior força as funções políticas ligadas às dinâmicas estabelecidas de poder para que sua narrativa ganhe coerência e circule, aos fofoqueiros caberia outras funções sociais. Dentre elas, possivelmente o próprio relacionamento dos sujeitos com as narrativas oficiais. Ou, talvez, de qual efeito subjetivo ele pretende causar em outros sujeitos ao construir uma história que não pode ser ouvida. Nos dois casos, estamos tratando de operações de ficcionalização, porém com diferentes balizas e efeitos. Acreditamos que, nesse sentido, podemos afirmar que a psicanálise, ao considerar a fala dos sujeitos como um objeto com dignidade teórica, e sobretudo aos dramas e romantizações que constituem suas fantasias, consegue acessar um ponto díspar das narrativas socialmente legitimadas.

Estas considerações permitem-nos dizer que o psicanalista é aquele que escuta o esgarçamento, os remendos e as incongruências que marcam o discurso predominante. Daí a proposta, por exemplo, de uma “psicanálise dos fatos falhos”, levantada por Peron e Ambra (2021, p. 15), na qual a ética e a coerência epistemológica da psicanálise exigem as “[...] mesmas categorias de abertura e contingência que sustentamos na escuta de nossos pacientes”. Estamos

falando do contato com a contingência que marca a aparição do real nas repetições que afrontam a coerência de um discurso, sem necessariamente findá-la. O que será elaborado e reelaborado em diferentes momentos da obra de Freud e Lacan: desde o abandono freudiano da teoria da sedução e do consequente reconhecimento do papel da fantasia na estruturação da realidade, passando pela centralização lacaniana da técnica clínica no campo da fala e do surgimento de uma teoria psicanalítica do significante. O pano de fundo, no fim das contas, é sempre o mesmo: o sujeito, enfim, em questão.

A contribuição da psicanálise, nesse caso, está no fato de reconhecer que a verdade se encontra pelas vias do engano. Afinal, como consta na famosa vinheta lacaniana, sua estrutura é de ficção.

Considerações Finais

Ao revisitar a história da “fofoca” por meio da obra de Federici (2019) e Oliveira (2010), este artigo buscou evidenciar que os sentidos atuais atribuídos a essa prática discursiva resultam de um processo histórico de silenciamento e fragmentação dos laços solidários entre mulheres, articulado à consolidação de estruturas patriarcais e à emergência da modernidade ocidental. A análise permitiu reconhecer na detração – entendida como narrativa social reguladora – um duplo movimento: de reafirmação de normas hegemônicas e, simultaneamente, de possibilidade de subversão simbólica das estruturas de poder vigentes.

Ao sobrevoar parte da história de articulação entre os campos da psicanálise, da historiografia e do estruturalismo, buscamos examinar os paradoxos que envolvem a construção ficcional de narrativas e sua vinculação à linguagem, à memória e à historicidade. Nesse sobrevoo, constatamos que, se por um lado, há todo um efeito de funções políticas e cercamentos estruturais a partir das condições de possibilidade de se montar um arranjo legítimo da história, por outro lado há um ponto de indeterminação se relacionando com essas narrativas e produzindo novos arranjos: o sujeito. Nessa chave, a *talking cure*, desde Anna O., permite vislumbrar a possibilidade de dignificar os discursos tidos como de pouco valor, conferindo-lhes valor epistêmico a partir de uma teoria da escuta do inconsciente.

Com base na articulação entre Lacan, Freud, LaCapra, Greimas e Certeau, argumentamos que a escuta psicanalítica – ao se apoiar na fala do sujeito e na lógica do discurso – se constitui como uma práxis sensível às tensões entre estrutura e história, sincronia e diacronia, universal e particular. Reivindicar essa escuta como espaço político exige, portanto, reconhecer os limites da própria tradição conceitual que determina os critérios de seleção e montagem do que

consideramos oficialmente a história. Em última instância, propusemos que a “fofoca”, longe de ser mero ruído social, pode ser pensada, nesse sentido, como um arquivo da cultura, uma prática de transmissão e produção de sentido que siga norteadores não usuais.

Para finalizar, considerando que nosso objeto aqui é a fofoca, não seria inoportuno trazer uma à tona. Segundo Roudinesco (2008, p. 357, grifos nossos), por meio dos relatos de Madeleine Chapsal, Lacan era apreciador dessa modalidade de circulação de informação:

Ele que, em nome de uma crítica do historicismo, privilegiava a estrutura em detrimento do acontecimento, que procedia por alusões mascarando suas fontes e empréstimos, manifestava no entanto *insaciável curiosidade por uma forma singular de relato histórico: os mexericos, os rumores e as anedotas. Sentia um enorme prazer de escutar confidências dignas de um correio sentimental*: “Quando eu ia vê-lo”, observa Madeleine, “tratava de rememorar as últimas histórias, sabendo que nenhum outro mimo poderia causar-lhe mais prazer [...]. Ele era mais curioso que uma porteira de edifício [...]. Quanto a ele, de modo geral, não revelava nada sobre sua pessoa”.

Será que a predisposição ávida de Lacan com as últimas novidades locais era só um gosto pessoal? Ou seria também um hábito herdado do ofício? Nos dois casos, o que procuramos sustentar, de modo ainda embrionário, é a possibilidade de fazer com a fofoca algo para além dela mesma em sua relação com a história.

Referências:

- AMBRA, Pedro.; PAULON, Clarice. Pimentel. O analista é o historiador: verdade, interpretação e perplexidade. **Psicologia USP**, v. 29, n. 3, p. 412-417, 2018. <https://doi.org/10.1590/0103-65642018001>
- CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Campinas: Papirus, 1995.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- CERTEAU, Michel de. **História e psicanálise: entre a ciência e ficção**. Tradução de G. J. de F. Teixeira. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- DUNKER, Christian. Ingo. Lenz.; KYRILLOS NETO, Fuad. A psicopatologia no limiar entre psicanálise e a psiquiatria: estudo comparativo sobre o DSM. **Vínculo**, v. 8, n. 2, p. 1-15, 2011.
- FEDERICI, Sílvia. **A história oculta da fofoca: mulheres, caça às bruxas e resistência ao patriarcado**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FERREIRA, Arthur. Arruda. Leal. O múltiplo surgimento da Psicologia. In: JACÓ-VILELA, Ana. Maria.; FERREIRA Arthur. Arruda. Leal.; PORTUGAL, F. T. (Orgs.). **História da psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2006, p. 13-46.
- FIGUEIREDO, Luiz. Cláudio. **A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação**. 7. ed. São Paulo: Escuta, 2007.
- FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo (1939). In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 22, p. 13-161.
- GAIARSA, Ângelo. **Tratado Geral Sobre a Fofoca. Uma análise da desconfiança humana**. São Paulo: Ágora, 2015.

GREIMAS, Algirdas Julien. Estrutura e história (1966). In: POUILLON, Jean.; BARBUT, Marcel; GODELIER, Maurice; MACHEREY, P.; BOURDIEU, Pierre; GREIMAS, Algirdas Julien; EHRMANN, Jean. **Problemas do estruturalismo**. Tradução de A. N. Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 53-66.

KEHL, Maria. Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. São Paulo: Boitempo, 2016.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953a). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 238-324.

LACAN, Jacques. Carta a Rudolph Loewenstein de 14 de julho de 1953 (1953b). **Lacuna: uma revista de psicanálise**, nº -1, 2016. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2016/05/22/carta-de-jacques-lacan-a-rudolph-loewenstein/>. Acesso em 20 de agosto de 2025.

LACAN, Jacques. A psicanálise verdadeira, e a falsa (1958). In: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. P.173-182

LACAPRA, Dominick. **Escribir la historia, escribir el trauma (2001)**. Tradução de E. Marengo. 1. ed. Nueva Visión 2005.

LACAPRA, Dominick. **Historia em tránsito. Experiencia, identidad, teoria critica**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2006.

LACAPRA, Dominick. **Compreender outros. Povos, animais, passados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 11-46.

OLIVEIRA, Pedro. Paulo. Sociologia da Fofoca: notas sobre uma forma de narrativa do cotidiano. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 34., 2010, Caxambu. **Anais [...]** Caxambu, 2010.

PERON, Paula.; AMBRA, Pedro. Por uma psicanálise dos fatos falhos. In: PERON, P.; AMBRA, P. **Provocações para a psicanálise no Brasil: racismo, políticas identitárias e colonialismo**. Zagodon, 2021. p. 13-21.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TRILLAT, Etienne. **História da histeria**. São Paulo: Escuta, 1991.

Notas:

¹ O trabalho contou com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), processo APQ-01988-24.

² Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João Del-Rei (PPGPSI/UFSJ). Coordenador do Grupo Interinstitucional de Historiografia e Política da Psicanálise (GIHPP/UFSJ). Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-C). E-mail: fuadneto@ufsj.edu.br / Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8071-0907>

³ Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Integrante do Grupo Interinstitucional de Historiografia e Política da Psicanálise (GIHPP/UFSJ). E-mail: r.rodrigues.mg@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5239-9426>

⁴ Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de São João Del-Rei (PPGPSI/UFSJ). Integrante do Grupo Interinstitucional de Historiografia e Política da Psicanálise (GIHPP/UFSJ). Residente Pós-Doutoral na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: thalesalberto94@gmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5498-5317>

⁵ Vale notar que o termo em alemão para novela, neste trecho, é *schlüsselroman*, ou seja, literalmente “romance chave” e não apenas “novela” (como na tradução espanhola) ou “romance” (como na tradução brasileira).

⁶ Sobre este contexto, a descrição sintética dada por Marcelo Checchia é esclarecedora: “A primeira instituição psicanalítica francesa, a Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), foi estabelecida somente em 1926. Alguns dos protagonistas (a SPP era composta de doze membros no momento de sua criação) desse movimento de inserção da psicanálise na França são Rudolph Loewenstein, Marie Bonaparte, Édouard Pichon e René Laforgue. Já na fundação da SPP havia uma cisão importante, pois nessa mesma época a IPA acabara de estabelecer algumas regras rígidas sobre a técnica psicanalítica e sobre a formação de analistas. Um grupo, liderado por Bonaparte e Loewenstein, defendia a adesão à ortodoxia da IPA; outro grupo, liderado por Pichon, mostrava-se resistente à ortodoxia e à influência germânica na psicanálise francesa. Pela proximidade que tinha com Freud e com o apoio de Loewenstein, Marie Bonaparte acabou exercendo um papel decisivo na obediência da SPP às regras da IPA. Com a vitória da ala internacionalista da SPP, Loewenstein também assegurou um lugar relevante na SPP como analista didata, o que, supostamente, enfim lhe traria um lugar mais estável e mais prestigiado. Descendente de uma família judia radicada na Galícia polonesa (que foi dominada pela União Soviética) — onde ele chegou a começar uma primeira formação em medicina —, Loewenstein viveu em movimentos migratórios, algumas vezes fugindo do antissemitismo. Primeiro foi a Zurique, onde fez nova formação em medicina e entrou em contato com a psicanálise através de Bleuler. Seu interesse pela psicanálise o levou a Berlim. Lá, mais uma vez recomeçou o curso de medicina e iniciou sua formação em psicanálise, fazendo sua análise com Hans Sachs. Em 1925 tornou-se membro da Sociedade Psicanalítica de Berlim. No mesmo ano, mudou-se para Paris, onde almejava se estabelecer definitivamente. Seu relacionamento com Marie Bonaparte — eles chegaram, diga-se de passagem, a ser amantes durante um breve período — o ajudou a obter rapidamente sua naturalização. Exímio poliglota — falava polonês, russo, inglês, alemão e francês —, adaptou-se rapidamente a Paris. Logo publicou diversos artigos, especialmente sobre a técnica psicanalítica, e se tornou o maior representante da corrente ortodoxa e um dos principais analistas didatas da SPP. Foi então, com esse psicanalista já renomado e defensor das regras ortodoxas da IPA, que Lacan teve, entre junho de 1932 a dezembro de 1938, sua conturbada experiência de análise.” (LACAN, 1953b/2016, n. p.).